

A TRAJETÓRIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA UNIVERSITÁRIOS AUTODECLARADOS LGBT'S DA ESEF – UFPEL

ANTÔNIO VINÍCIUS OLIVEIRA DE ALMEIDA¹;
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO²

¹Universidade Federal de Pelotas – vinicius.98a@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – gfrizzo@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

A LGBTfobia pode ser entendida como uma forma de preconceitos e/ou discriminações (e demais violências daí decorrentes) contra indivíduos ou grupos sociais que não se enquadram no padrão heterossexual cis em função de sua orientação afetivo-sexual e/ou identidade de gênero pressupostas e, neste conceito estão incluídos a lesbofobia, a gayfobia, a transfobia, bifobia, entre outras, ou seja, a "LGBTfobia" em geral. A LGBTfobia é uma opressão que se expressa através de violência, preconceito, discriminação ou até mesmo supressão.

A LGBTfobia é real e está presente nos contextos mais variados da sociedade, sendo, um dos mais preocupantes deles, a escola. Conforme Santos e Lage (2018), a partir da constatação de que o espaço escolar foi e ainda tem sido um lugar de recorrentes violações, surgem às demandas educativas do movimento LGBT.

A presença da LGBTfobia no ambiente escolar pode ser justificada por Gois e Soliva (2011, p. 39) que afirmam que “na escola, a adesão ao modelo que separa e hierarquiza masculino e feminino, heterossexual e homossexual, é reforçada a todo tempo através de práticas disciplinares que intervêm no corpo e no comportamento de diferentes indivíduos”.

Diante disso, o presente trabalho buscou fazer uma aproximação entre o tema LGBTfobia e a Educação Física na Educação Básica e discutir o porquê tantas pessoas ainda são cerceadas do direito de acessar a educação - um direito de todos conforme o artigo 205 da Constituição Federal - devido a sua identidade de gênero e orientação sexual e o que a opressão causa em pessoas que não seguem o padrão heteronormativo.

2. METODOLOGIA

Estudo de Caso Analítico-descritivo de caráter qualitativo no qual o fenômeno foi estudado em profundidade afim de se obter uma compreensão ampliada sobre outros casos (YIN, 2001). A população compreendeu os alunos e alunas do curso de graduação em Educação Física da UFPEl autodeclarados LGBT's. A realização da pesquisa se deu através de pessoas que se voluntariaram após chamada pública nos murais da Universidade e em meios digitais.

Após o período para se voluntariar para participar da pesquisa, conforme a chamada pública, duas pessoas autodeclaradas LGBT's demonstraram interesse. Afim de manter o sigilo das pessoas entrevistadas, suas falas serão mencionadas como Entrevista 1 e Entrevista 2.

Quanto aos instrumentos para a entrevista, foi utilizado um roteiro de questões semiestruturadas que, conforme a descrição de Bardin (2016) são mais

curtas do que entrevistas não diretivas. A transcrição ocorreu conforme Bardin (2016, p. 93), que indica que as entrevistas devem ser “registradas e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador)”. A análise dos dados também se deu conforme o autor, sendo dividida em três fases: Pré-análise; Exploração do material; Tratamento dos dados obtidos.

As entrevistas foram devolvidas aos entrevistados para conferência de fidedignidade, validando assim as informações ali contidas.

Para discutirmos os dados obtidos optamos por dividi-los em categorias empíricas que nos possibilitassem discutir melhor o fenômeno estudado.

3 O PROCESSO DE RECONHECIMENTO E A ESCOLA

“A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém ‘assuma’ sua condição de homossexual ou bissexual” (LOURO *et al.*, 2000, p. 20). Essa afirmação de Louro pode estar relacionada com o relato de um dos entrevistados ao citar a divisão que existe entre “coisas de menino” e “coisas de menina”:

“Eu acho que lá para sete oito anos, eu acho, não tenho certeza, mas se não foi sete foi oito, que é justamente no período que você começa a ir para a escola e aí começa aquela, aquela fase de isso é de menino e isso é de menina, pode isso não pode aquilo. Aí eu falava “opa”, eu acho que eu não me encaixo nesse negócio aí não” (Entrevista 2, 2019) [grifo nosso].

Diversos podem ser os impactos dessa dificuldade e muitas vezes da violência sofrida durante o período escolar sobre as suas vítimas. Ainda que as marcas físicas sejam as mais visíveis, também há impacto na vida emocional e escolar das vítimas, podendo inclusive ocorrer evasão e abandono escolar de pessoas LGBT em função de violências sofridas dentro do ambiente da escola (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Isso faz com que uma parte dos estudantes LGBT’s acabem por reprimirem a sua orientação sexual e identidade de gênero durante o período escolar. O medo e a insegurança do que pode acontecer caso eles assumam sua orientação sexual ou sua identidade de gênero faz com que muitas vezes eles guardem isso para si e sofram com a necessidade de demonstrarem ser pessoas que eles não são, conforme o que foi dito na seguinte entrevista:

“Apesar de ser, de gostar [...] então eu tive que me esconder eu não sofri talvez tanto quanto alguns que já sofreram, **mas sofri internamente**, eu não sofri fisicamente, eu não sofri na parte externa, ser chacota ou sofrer algum bullying na escola, mas sofri internamente [...] **uma pressão psicológica muito grande** porque a minha ideia com meus 15 anos, como eu te falei no começo, era me assumir, né” (Entrevista 1, 2019) [grifo nosso].

Esse sofrimento é muitas vezes encoberto pelo silêncio e pelo desinteresse pelas questões escolares. Os casos são tratados de maneiras banais e os alunos LGBT’s que presenciam a violência ligada a orientação sexual acabam por tomar os atos violentos como exemplo e assim reprimem a sua sexualidade.

“eu tive um colega do 1º ano do médio, que **ele se assumiu e depois ele parou de estudar**, ele era afeminado, depois se assumiu trans né, e ele sofria bastante no colégio” (Entrevista 1, 2019) [grifo nosso].

“Porque eu lembro que na época quando esse meu colega ele se assumiu, chamavam ele de viadinho, chamavam ele de gay, chamavam ele de trezentas coisinhas alusivas a viado à mulherzinha” (Entrevista 1, 2019).

Diante dessas ocorrências e do papel heteronormativo desempenhado por algumas escolas, o ambiente escolar pode acabar sendo um espaço totalmente hostil para os alunos LGBT's. Conforme Duarte et al. (2018, p. 109), “os desdobramentos da homofobia são múltiplos e sempre prejudiciais para as vítimas”. Nesse contexto, pode-se avaliar a importância do papel do professor em sala de aula para ajudar a combater esse tipo de preconceito e impedir que essas ações causem danos no processo de aprendizagem das vítimas.

3.1 O ESTUDANTE LGBT E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A relação dos alunos LGBT's com a Educação Física precisa ser enxergada como um determinante de inúmeras variáveis dentro da escola. Dentre elas estão a diminuição do desempenho dos alunos, diminuição da frequência e até mesmo elevação nos casos de evasão.

Nas aulas de Educação Física esse preconceito, que faz com que alunos reprimam sua orientação e sexual e identidade de gênero pode ser ainda mais acentuado devido a práticas que ainda são divididas por gênero pelos professores e professoras:

“E aí eu entrei na quadra para jogar porque eu achei que eu podia jogar, e aí o professor veio e me tirou e falou assim: “Menino não pode jogar queimado, tem que jogar futebol.” Daí eu olhei para ele e assim “Tá, mas eu jogo muito bem queimado” (Entrevista 2, 2019)

Conforme podemos observar no relato, há uma certa divisão das modalidades a serem praticadas pelos sujeitos de acordo com o seu sexo.

Esse é um exemplo da realidade escolar da Educação Física que ainda privilegia uma prática baseada na separação (física e simbólica) entre os sexos, separação baseada em princípios biológicos que, entre outras práticas, demonstra como a Educação Física permanece vinculada a ideais de funcionalidade e otimização dos gestos, herdadas de um passado médico e militar (LIMA; DINIS, 2008, p. 699).

Diante desse cenário, é comum vermos relatos de pessoas LGBT's que mesmo tendo apreciação por exercícios físicos, esportes, danças e outras práticas corporais, acabarem se afastando das aulas de Educação Física por consequência de casos de preconceito, agressões verbais ou até mesmo física como vemos nesse relato:

Tinha atividades que eu participava e que, eu sofria dentro da quadra, dentro da atividade e o professor não tava nem aí. E tinha atividade que eu não queria mais participar também, ah, essa eu não quero participar porque se eu participar o fulano vai fazer alguma coisa. Era mais ou menos assim (Entrevista 2, 2019)

Conforme Duarte et al., (2018, p. 109), “situações como estas demonstram que não é o gay que não gosta de praticar as atividades. Ao contrário, os responsáveis por esse afastamento são os inúmeros mecanismos homofóbicos criados social e pedagogicamente”.

4. CONCLUSÕES

Através das falas dos entrevistados interligadas à fala de autores mencionados no texto podemos observar que o processo de reconhecimento da sexualidade pode ser muitas vezes lento e doloroso para os estudantes. Além disso, os estereótipos presentes dentro da escola e o medo que esses alunos e alunas possuem faz com que eles acabem se reprimindo como uma tentativa de sofrer menos.

Em relação ao estudante LGBT e a Educação Física, constatou-se que as práticas na maioria das vezes são divididas por sexo, o que acaba dificultando e afastando alunos que ainda estão em um processo de reconhecimento de si próprios. Como uma alternativa a esse problema, há uma inversão nas práticas e os alunos homens homossexuais acabam optando por praticarem as atividades com as meninas, enquanto as mulheres homossexuais decidem pela prática de atividades junto aos colegas homens, isso quando não ocorre um afastamento das aulas. Por vezes, esses alunos também acabam se afastando totalmente das práticas na escola e podem acabar inclusive gerando uma aversão por exercício físico e práticas corporais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. D. Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam? **Ministério da Educação**, Brasília, DF, 2004b.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Almedina Brasil: edições 70, 2016.

DUARTE, D. D. S. et al. Homofobia nas aulas de Educação Física: reflexões sobre os processos educativos. **Revista Biomotriz**, v. 12, n. 1, p. 102 - 118, Agosto 2018. ISSN 1679-8074.

GÓIS, J. B. H.; SOLIVA, T. B. A violência contra Gays em ambiente escolar. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 123, p. 38 - 45, Agosto 2011. ISSN 1519-6186.

LIMA, F. M. D.; DINIS, N. F. O discurso sobre a homossexualidade na visão de estudantes de Educação Física. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 693-716, Dezembro 2008.

LOURO, G. L. et al. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

SANTOS, S. É.; LAGE, A. C. LGBTfobia na escola: Implicações da Gestão Escolar. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 26, p. 95 - 108, Abril 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2º. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.